UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM MODA

ANA LUIZA CASTRO MENDONÇA

O BOLSO NO VESTUÁRIO FEMININO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO

JUIZ DE FORA
2018

ANA LUIZA CASTRO MENDONÇA

O BOLSO NO VESTUÁRIO FEMININO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO

Trabalho de Conclusão de Cursop apresentado ao Curso Bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do título de bacharel em moda.

Orientador: Prof.ª Dra. Rosane Preciosa Sequeira

JUIZ DE FORA
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mendonça, Ana Luiza Castro.
O Bolso no Vestuário Feminino como Dispositivo Político / Ana Luiza Castro Mendonça. -- 2018.
36 p.

Orientadora: Rosane Preciosa Sequeira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2018.

1. Moda. 2. Bolso. 3. Feminismo. 4. Resistência. I. Sequeira, Rosane Preciosa , orient. II. Título.

ANA LUIZA CASTRO MENDONÇA

O BOLSO NO VESTUÁRIO FEMININO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO

Monografia apresentada ao Curso Bacharelado em Moda da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para obtenção do título de bacharel em moda.

Orientador: Prof.ª Dra. Rosane Preciosa Sequeira

Aprovado em ___ /___ / _____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dra. Rosane Preciosa Sequeira
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.ª Dra. Elisabeth Murilho da Silva
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.ª Dra. Fernanda Bonizol Ferrari
Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Aos professores e colegas que me provocaram e motivaram as reflexões e questionamentos aqui presentes. Agradeço pelos ensinamentos, e por serem fundamentais na minha formação enquanto indivíduo.

Em especial gostaria de agradecer à minha orientadora, a querida Rosane Preciosa, que desde o primeiro momento acreditou na potência do bolso como dispositivo de resistência. Seu incentivo e apoio foram essenciais.

À Mariana Couto Miranda, pelos debates e sugestões em relação ao trabalho aqui presente.

À minha família pelo suporte e incentivo, por acreditar em meu potencial e por sempre me estimularem a construir um senso crítico em relação ao mundo,gostaria ainda de agradecer a Júlio Napoli, pelas conversas instigantes e por todo o conhecimento compartilhado.

RESUMO

A roupa é um forte elemento da nossa cultura material. Nas relações com o mundo, o vestuário ajuda a construir sentido/significação, além de representações sobre aspectos relativos à identidade pessoal e social. A roupa pode ser usada como ferramenta de contestação ideológica, e, enquanto objeto simbólico, é um mecanismo efetivo na manifestação de um discurso. Assim, a partir da compreensão do vestuário enquanto dispositivo político, uma reflexão sobre o bolso como objeto de resistência não verbal no vestuário feminino é colocada, a fim de primeiramente revelar seu valor simbólico como produto de construções socioculturais que influenciam na manutenção de privilégios masculinos, e posteriormente, evidenciar o modo como são empregados como armas ideológicas de contestação política no processo de emancipação feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Moda; Bolso; Feminismo; Resistência

ABSTRACT

Clothingis a strongelementofour material culture. Conectingwiththe world, clothing helps build meaning / significance, as well as representationsofaspectsofpersonaland social identity. Clothingcanbeused as a tool ofideologicalcontestation, and as a symbolicobjectisaneffectivemechanism in themanifestationof a speech, sofromtheunderstandingofclothing as a politicaldevice I willperform a critique onthepocket as anobjectofnonverbalresistance in women'sclothing, revealing its symbolicvalue as a productof sociocultural constructions, whichinfluencesthemaintenanceof male privilegesand later on, howthey are used as ideologicalweaponsofpoliticalcontestation in theprocessoffemaleemancipation.

KEYWORDS: Fashion; Pocket; Feminism; Resistance

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Garment from the performance "She Lost It" **Erro! Indicador não definido.**
Figura 2 - Chatelaine, byThornhill **Erro! Indicador não definido.**
Figura 3 - The sufraggets propaganda **Erro! Indicador não definido.**
Figura 4 - Anti- Sufraggets post cards **Erro! Indicador não definido.**
Figura 5 - Aulas no Instituto de Música e Ritmo Emile Jacques-Dalcroze. Hellerau **Erro! Indicador não definido.**

SUMÁRIO

1. Erro! Indicador não definido.
2. 11
2.1 - Dispositivos de controle do corpo feminino **12**
3. O BOLSO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO **16**
3.1 - Bolso, valor simbólico como dispositivo de resistência feminina **18**
3.2 - Os bolsos das mulheres podem levar algo secreto algo privado, algo mortal **23**
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS **26**
REFERÊNCIAS **27**
ANEXOS **31**

1. INTRODUÇÃO

Como mulher sempre me questionei: qual meu lugar no mundo enquanto indivíduo? Uma reflexão de Virgínia Woolf foi muito importante na formação de uma consciência sobre a potência de ter nascido mulher. É quando ela associa a figura da mulher a um espelho que possui o poder mágico e malicioso de refletir a imagem do homem com o dobro de seu tamanho natural. Ela continua descrevendo como a anulação do feminino foi um mecanismo necessário para o sucesso do homem, uma vez que, quando o homem é colocado sob uma crítica feminina, e é obrigado a confrontar a verdade, sua figura no espelho encolhe e sua aptidão para a vida é diminuída. Ela conclui com a seguinte observação:

"Como pode ele continuar a passar julgamentos, a civilizar nativos, a fazer leis, escrever livros, arrumar-se todo e discursar em banquetes, a menos que possa ver a si mesmo no café da manhã e no jantar com pelo menos o dobro do tamanho que realmente é?“ (WOOLF, Virginia, 1929)

A anulação da mulher como indivíduo, sempre foi um objeto de questionamento para mim. Por que a história das mulheres foi silenciada durante séculos? Por que fomos perseguidas e subjugadas, enquanto o homem dominava todas as instituições, nas esferas públicas e privadas. Durante toda a graduação me interessei pelo estudo da moda como forma de afirmação da individualidade e principalmente nas formas em que ela se apresentava como marcas de resistência. A moda, assim como a mulher, talvez ainda pelo fato desta estar associada ao feminino, é subestimada e minimizada, enquanto campo de conhecimento. O fato é que a roupa que cobre o corpo traz consigo inúmeros significados psicológicos, sociais e culturais, e, ainda assim, a moda é estigmatizada como objeto frívolo. Contudo, na verdade, é uma peça chave para a construção e compreensão da sociedade. Sua influência vai além do vestuário, estando estreitamente relacionada às noções de identidade, pertencimento e diferenciação.

A moda funciona como eficiente mecanismo de comunicação, por carregar um discurso através de objetos simbólicos, os quais motivaram essa pesquisa. Como já dito,? artigos do vestuário que denunciam violências e opressão sempre me despertaram para o papel social da roupa. O processo de emancipação da mulher se relacionou a episódios em que peças do vestuário foram fundamentais para o protagonismo da mulher como na tentativa de introdução das calças no vestuário por

Amelia Bloomer. Mais que apenas uma reforma no vestuário, a conquista da calça pelas mulheres simbolizou uma conquista política e possibilitou à mulher ocupar espaços antes essencialmente masculinos.

Em 7 de setembro de 1968, enquanto Jordi Fordi era eleita Miss América no Atlantic City Convention Hall, acontecia um protesto público com a participação de cerca de 400 ativistas do "Women's Liberation Movement". Esse episódio ficou conhecido como "Bra-burning", ou "Queima de Sutiãs". As ativistas colocaram no chão do espaço, onde o protesto foi realizado, sutiãs, sapatos de salto alto, cílios postiços, sprays para cabelo, maquiagens, revistas, e outros "instrumentos de tortura", objetos simbólicos que denunciariam padrões arbitrários de beleza impostos às mulheres, por causa de sua exploração comercial. A "queima" propriamente dita nunca chegou a acontecer por falta de autorização, uma vez que o espaço onde o evento estava sendo realizado era privado, também ninguém tirou o sutiã, como se acredita. O episódio foi associado a outros movimentos, como o da liberação sexual, e o dos jovens que queimaram seus cartões de segurança social em oposição à Guerra do Vietnã. A mídia passou a chamá-lo de "bra-burning".? Apesar da queima não ter acontecido, a atitude das manifestantes foi incendiária, e a partir daí criou-se um sentido simbólico? do sutiã como objeto de contestação ao sexismo e de libertação política das mulheres. O sutiã não era o único objeto exposto durante o protesto e também não era o único associado estritamente ao feminino, pelo contrário, por que então se tornou símbolo do movimento e objeto simbólico da luta feminista? Talvez pela associação ao espartilho, outro objeto simbólico da luta de libertação dos mecanismo de controle social, ou ainda por estar mais intimamente ligado ao corpo, ou talvez por relacionar-se à uma região do corpo fetichizada pela mídia. Apesar do questionamento levantado em relação ao sutiã, este não é meu objeto de estudo. Abordei este episódio apenas como forma de ilustrar como os objetos do vestuário têm o poder de se tornar objetos simbólicos e dispositivos políticos como formas de resistência, que, por se relacionarem à moda como discurso, se tornam objetos de resistência não verbal.

Meu interesse por investigar tais objetos, me levou a um artigo de 10 de outubro 1910 do New York Times, onde se lia "Plenty of Pockets in Suffragette Suit", "Muitos bolsos em um terno sufragista". O artigo descrevia um evento em que alfaiates americanos exibiam modelos no Hotel Astor Roof com o propósito de incentivar a moda estadunidense e provar sua excelência em relação aos franceses. Um dos modelos apresentados era um "traje sufragista", que trazia como item distintivo dos

demais trajes femininos a quantidade de bolsos. Segundo o artigo, ele possuía de seis a sete bolsos muito acessíveis. O artigo também descreve a presença de uma calça que não era apenas uma "calça bloomer”, mas que possuía também pernas apertadas em vincos na frente e atrás, já se relacionando ao histórico de lutas pela emancipação feminista. O que me intrigou por fim, foi a ênfase dada à quantidade de bolsos presentes na peça. Tal fato me fez questionar o bolso como importante objeto simbólico para o movimento sufragista e como dispositivo na luta contra o patriarcado.

Outro fato que me ocorreu foi, como ainda hoje, num momento em que noções fixas de identidade de gênero são amplamente contestadas e artigos dos vestuários simbólicos em relação a ideais hegemônicos de comportamento e aparência passam a ser usados irrestritamente entre os indivíduos, o bolso denunciaria, então, privilégios. A roupa masculina possui bolsos eficientes em relação às suas necessidades, enquanto, na feminina, quando existem, têm tamanhos muito inferiores se comparados aos das peças masculinas. Assim o bolso funciona como mecanismo de diferenciação social. Falarei, posteriormente, como tal dispositivo ainda hoje é usado como forma de controle social da mulher.

Parti então, na busca por investigar os simbolismos que o bolso, enquanto dispositivo, carregaria, e como ele se associaria a formas de resistência que manipulam o vestuário como suporte, uma vez que, para os grupos que se utilizam de tais estratégias, a roupa é reconhecida como potente mecanismo de difusão de um discurso

2. A MODA COMO DISPOSITIVO

A moda caracteriza-se como uma forma elaborada e especial de linguagem. Em sua construção, faz uso de uma série de significados e símbolos próprios,envoltos em um aparato cultural, que passaram a fazer parte dos códigos de linguagem das mais diversas culturas. Como parte da criação cultural de um povo, a roupa e sua produção se insere como determinante no processo de identificação e coesão social do homem. A moda é um instrumento poderoso de inserção humana no contexto cultural, ela é um instrumento de comunicação. (GARCIA, 2005, p. 100).

Para além de comunicativo, Barthes (2005) defende que o vestuário é também significativo uma vez que significar quer dizer que os objetos não veiculam apenas informações (caso em que comunicariam), mas constituem também sistemas estruturais de signos de diferenças, de oposições e de contrastes.

> O homem [sic] vestiu-se para exercer sua atividade significante. O uso de umvestuário é fundamentalmente um ato de significação, além dos motivos de pudor, adorno e proteção. É um ato de significação, logo um ato profundamente social, alojado no próprio cerne da dialética das sociedades (BARTHES, 2005, p. 363-364).

Vestir-se é transfigurar-se, é expor o corpo a uma metamorfose, assumindo uma uniformidade de gestos, regras e construções vestimentares ou rebelando-se em relação a valores estabelecidos, incorporando comportamentos ou dispositivos de contestação às normas e ao senso comum.

Giorgio Agamben, em " O que é o contemporâneo?", em seu ensaio propõe a seguinte definição para dispositivo: “chamo dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”[1]. Agamben descreve o dispositivo como uma rede composta por elementos heterogêneos (discursos, instituições, edifícios, leis, protocolos, proposições), nos quais se realiza “o cruzamento das relações de poder e de saber”. Ou seja, o dispositivo pode aludir a uma instituição, um processo, uma linguagem, um modo de se relacionar, mas também a objetos como o carro, o telefone, o computador. Esta

---

[1] AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo. In: _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Trad. Vinícius NicastroHonesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

generalização fundamenta-se na concepção de que do encontro entre os seres viventes e os dispositivos surge um terceiro elemento: os sujeitos.

Recorro a Agamben na tentativa de introduzir o dispositivo no diálogo que pretendo estabelecer com o leitor. O indivíduo goza de uma relação íntima e permanente de contato tátil, visual e, por vezes, olfativo e/ou audível com a roupa e para além do adorno, do pudor e da proteção entendidos como as motivações fundamentais da utilização de roupas pelo ser humano a indumentária desempenha um papel singular na percepção de si e do outro na interação social, caracterizando-se como uma expressão constante da subjetividade. A moda pode ser entendida como a manifestação de um discurso, podendo ser lida como um texto, que, por sua vez, veicula um discurso não verbal compondo uma arquitetura têxtil que segundo Castilho,

> (…) as linguagens das linhas, das formas, das cores, das proporções e dos volumes expressam e são traduzidas artisticamente pela organização plástica da moda, numa manifestação que pode ser percebida e compreendida pelos integrantes de uma dada situação interativa (CASTILHO, 2004,p. 39).

Proponho, então, debater a moda como dispositivo, enquanto produto discursivo. Vestir-se não é apenas cobrir o corpo, mas revesti-lo de significados, manifestos e latentes (LURIE,1997), assim a moda e a indumentária são empregadas como armas ideológicas diante de códigos sociais a serem contestados configurando uma das formas mais efetivas de resistência não verbal.

> No imbricamento das linguagens, moda e corpo concretizam subjetividades, marcam posições sociais, exploram e orientam opções sociais, acordam ou polemizam com instituições políticas ou ideológicas. (CASTILHO, 2004, p.34).

2.1 - Dispositivos de controle do corpo feminino

Barnard (1996) menciona um artigo escrito para o *Guardian* em 1922, em que Wilson observa como a moda às vezes se torna objeto de "denúncias de moralistas”. segundo ele modelos não tradicionais de vestuário com freqüência eram causa de moral ultrajada, o que impelia leitores a escrever ao Guardian queixas sobre como determinado traje os insultara. Ele questiona porque a roupa atrai uma crítica tão indignada,demonstrando tanta reprovação, enquanto quando se trata de outras formas de moda não são recebidas com tal reação. Talvez se deva ao fato de que a

roupa está intimamente ligada ao corpo e profundamente ligada às nossas identidades sexuais e de género.

> (…) quando diversos tipos de moda sublinham a sexualidade, ou quando… se interessam por inclinações de gênero de sexualidade, muitos dentre nós podemos nos sentir ameaçados ou inseguros. Para a mulher, especialmente, os padrões exagerados e sequentemente arbitrários de "beleza"… podem rebaixá-la a serem até mesmo ofensivos. (Wilson, 1992 a:34)

Sexo é político, por compreender também relações de poder. Assim questões relacionadas à discussão de gênero, como o feminismo, rompem com os modelos políticos tradicionais, que atribuem uma neutralidade a um espaço individual e que definem como política unicamente a esfera pública, "objetiva". Desta forma, o discurso feminista, ao apontar para o caráter também subjetivo da opressão, e para os aspectos emocionais da consciência, revela laços existentes entre as relações interpessoais e a organização política pública. Conscientizando-sedo fato de que as relações interpessoais contém também um componente de poder e de hierarquia, o feminismo procurou em sua prática enquanto movimento superar as formas de organizações tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo (ALVES, PITANGUY, 2006).

As noções de feminino e masculino não estão ligadas a condições biológicas,ou seja, às características anatômicas e fisiológicas do sexo feminino e masculino, mas sim às construções sócioculturais, às representações significativas relacionadas às formas pelas quais se reconhece e se distingue cada sexo e o que passa a ser definido como masculinidade e feminilidade está associada à aspectos sociais, econômicos, culturais . Assim, o gênero é pensado no tocante às diferenças sociais percebidas entre os sexos, conforme a cultura, a época, a idade, a raça e a classe social.

A moda enquanto dispositivo, emitindo assim um discurso, promove um comportamento de classificação recíproca entre os sujeitos segundo diversos aspectos, entre os quais o sexo. Castilho (2006) levanta a hipótese de que o vestuário é sempre capaz de expressar visualmente a oposição entre os sexos, assinalando características do feminino e do masculino. Segundo a autora, as regras decategorias de trajes, diferentes para homens e mulheres, "são impostas a cada indivíduo em qualquer contexto social, desde os primeiros meses de vida até sua morte" (p. 110) e são permeadas por um caráter de extrema rigidez, em que o uso dos trajes previstos

a cada sexo, expressa adequação perante o grupo social. Em acordo com este pensamento, Crane (2006) aponta:

> Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e de gênero – útil portanto para manter ou subverter fronteiras simbólicas –, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status (p. 21).

Devido ao fato de termos uma cultura patriarcal estabelecida, evidenciando as relações de dominação relativas as relações entre gêneros, onde há a constante afirmação do masculino como forma de manutenção desse sistema, há a compressão de que qualidades e significados associadas ao masculino são consideradas privilegiadas. A consequência da naturalização desta rígida estrutura social é o aprisionamento, por parte dos indivíduos, aos estereótipos, no intuito de se ajustarem aos conceitos pré-estabelecidos de papéis direcionados à mulher e ao homem, em que a primeira é caracterizada por fraqueza, passividade, emoção, delicadeza e gentileza, enquanto o segundo é compreendido como dotado de força, dominação, racionalidade, coragem, ousadia, agressividade.

Figura 1 - Garment from the performance "She Lost It

Figura SEQ Figura * ARABIC 1 - Garment from the performance "She Lost It"

Judith Butler (1998) coloca que gênero é “(…) a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos dentro de um molde altamente rígido que se consolida ao longo do tempo para produzir a aparência de substância de um tipo ‘natural’ de ser” (p. 32). A produção e reprodução de discursos pelos sujeitos em um contexto histórico, político e social, produz um sistema de representações e autor

representações sociais, expressas não só em comportamentos e padrões morais, mas também em modelos corpóreos e em normas vestimentares. Desta forma, a partir de um contrato implícito, homens e mulheres tendem a aceitar as regras de estruturas básicas referentes às formas de vestir-se.

> (…) a vestimenta masculina sempre esteve relacionada à sua concepção social: [...] à guerra, à força, à possibilidade de sobrevivência, ao trabalho e a todas subdivisões sociais que esse oferece e classifica em termos de estabilidade de classes econômicas e sociais. No que diz respeito à decoração do corpo feminino, a busca é, de maneira geral, a de realçar, por meio do traje, a sensualidade, exibindo um jogo articulado entre o revelar e o velar, o mostrar e o ocultar, o evidenciar e o dissimular, as diferentes regiões do corpo, consideradas culturalmente sensuais ou eróticas (CASTILHO, 2006,p. 183).

As diferentes significações do traje enquanto usados pelos diferentes sexos revelam as relações e percepções do sujeito considerando papéis de género. O discurso do traje evidência e promove a manutenção de um sistema predominantemente masculino, contudo o traje masculino em si é o que sofre menos interferências em suas formas e proporções e é o que mais se aproxima da realidade anatômica, segundo Castilho (2006). A mulher sempre foi imposta à diversas intervenções, efetuando sobre a anatomia operações de mudança de maior intensidade que enfatizam algumas regiões corpórea específicas. Mediante o uso de diversos artifícios, a mulher modifica a sua visualização corpórea, anulando, dissimulando, ampliando ou engrandecendo certas partes do corpo.

Cabe ressaltar que sempre houve uma necessidade de controle do corpo femininono qual a roupa se insere como importante mecanismo de controle social, afinal, ao modelar gestos e posturas corpóreas, modelam-se igualmente posturas sociais. O século XIX sistematiza e institucionaliza esta preeminência feminina na ordem da aparência, da moda e do luxo. O homem agora se veste sobriamente, visto que as suas atenções estavam voltadas para o cultivo da individualidade através do trabalho, do saber através do interesse pelas ciências e do gosto pelas artes. Já a mulher passa a ser responsável por evidenciar a riqueza e o poder econômico de seu marido através do vestuário. A mulher assume um papel de propriedade masculina, onde deverá ser devota ao lar e ao marido, fato evidenciado até mesmo pelas atividades associadas ao feminino. Assim ela deveria ser preparada para a instituição do casamento, fato ao qual devotava a vida. A roupa vitoriana constituía uma forma

de controle social que contribuía para manter as mulheres em papéis dependentes e subservientes (CRANE, 2006, p.229).

Estes fatores enraízam-se nos sistemas de valores e representações relativos à desigualdade de gêneros, nos papéis conferidos às mulheres e aos homens. Neste viés, ao longo da história, as mulheres vêm sendo associadas sistematicamente ao espaço privado e ao decorativo e os homens ao espaço público, à dominação política e econômica.

3. O BOLSO COMO DISPOSITIVO POLÍTICO

As formas de controle impostas aos corpos associada ao traje tornaram-se cada vez mais sutis nos novos modelos de sociedade. Os dispositivos disciplinares tornaram-se menos limitados. As instituições sociais contemporâneas produzem indivíduos muito mais móveis e flexíveis que antes. O contemporâneo vem permitindo vem permitindo a desestruturação da lógica binária na moda, artigos do vestuário, simbólicos em relação a ideais hegemônicos de comportamento e aparência, e noções fixas de identidade correspondentes ao feminino e masculino passam a ser usados irrestritamente entre os corpos.

Para além de reformas no vestuário, a emancipação da mulher em relação ao espartilho e à conquista do direito de usar calça, representam, possivelmente, as conquistas sociais e políticas mais evidentes que se relacionam à questão do traje. Progressivamente, noções que relacionavam determinados artigos do vestuário exclusivamente a um gênero específico foram sendo abandonadas, no entanto, os corpos femininos continuam a ser submetidos a formas de controle social, que ainda são intrínsecas ao modo como esses corpos se apresentam socialmente e influenciam em sua percepção como indivíduo, podendo motivar até mesmo intervenções corporais mais agressivas, como cirurgias plásticas.

Apesar de que os fortes signos do modelo dicotômico, reafirmado pela moda, acabaram se diluindo entre os espaços percebidos como próprios ao masculino e ao feminino, ainda é possível notar um dispositivo com enorme valor simbólico, ainda quase inexplorado, em relação ao seu lugar de representação dentro das construções de masculinidade e feminilidade. Há uma falsa noção de que o bolso seria um objeto comum ao vestuário feminino e masculino, no entanto em algumas peças do vestuário

feminino sequer é possível encontrá-lo, isso quando não nos deparamos com bolsos falsos, que existem apenas pelo apelo estético, e não para o propósito para o qual se destinaria.

A presença do bolso em uma peça de vestuário aponta para questões de liberdades individuais, independência, autonomia e principalmente emancipação de um modelo social que privilegia a masculinidade, por entender que homens teriam o domínio de qualidades superiores, o que lhes conferiria acesso ao poder inserido nessas pequenas retículas costuradas junto às peças de vestuário. À mulher caberia o conforto e liberdade de transportar junto à si, livremente, objetos privados, dispensando a necessidade de carregar uma bolsa em lugares públicos.

Os bolsos são alvos de crítica do público feminino há mais de um século. A roupa masculina tende a ter bolsos espaçosos e visíveis, enquanto a feminina, quando chega a tê-los, se apresentam de forma insignificante e inadequados às suas necessidades. "Existe uma supremacia na roupa masculina ... é a adaptação dos bolsos à ela", escreveu Charlotte P. Gilman para o New York Times em 1905. Ela continua: "As mulheres de vez em quando carregavam bolsas, às vezes costuradas, às vezes amarradas, às vezes à mão, mas uma bolsa não é um bolso”[2].

Há ainda questões enraizadas na sociedade que associam a bolsa a um objeto ligado ao feminino, embora noções que associam peças do vestuário a um gênero específico venham se diluindo como signos sociais. Uma bolsa não é um bolso, porque enquanto dispositivo tem a capacidade de distinguir um indivíduo como mulher, claro que levando em consideração noções fixas de identidade de gênero estabelecidas dentro de um grupo social. Uma vez que os bolsos femininos são insuficientes, passa a existir a necessidade de um acessório incorporado ao vestuário. O argumento enraizado no senso comum, de que as necessidades femininas são diferentes e por isso a quantidade de objetos carregados por uma mulher seria maior em relação aos demais, apenas reforça o questionamento: por que então os bolsos femininos seriam de tamanhos tão inferiores em relação aos masculinos? Isto é, quando ainda existem bolsos em peças de roupas femininas. A autora Chelsea G. Summers, no artigo The PoliticsofPockets (2016), aponta que os bolsos são a grande

---

[2] GILMAN, Charlotte P. Male Attire. **The New York Times**, 05 mar. 1905. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1905/03/05/archives/male-attire-charlotte-p-gilman-inveighs-against-it-but-finds.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1905%2F03%2F05%2F101703610.html%3FpageNumber%3D8>. Acesso em: 17 out. 2018.

divisão de gênero de vestuário e se relacionama papéis sociais de gênero e sexismo. O vestuário masculino é projetado considerando seu valor utilitário, enquanto o feminino prioriza o apelo estético, como pode se concluir a partir do posicionamento do estilista Christian Dior em 1954, “Homens têm bolsos para guardar as coisas. As mulheres, para decoração”. Dessa forma, os bolsos estão ligados ao acesso a recursos, patrimônios, posses e fatalmente a uma cultura que ainda relaciona esses elementos ao masculino.

3.1 - Bolso, valor simbólico como dispositivo de resistência feminina

O bolso como produto de moda é capaz de transmitir um discurso, é um dispositivo político que guarda significados e manifestos. As distinções existentes entre bolsos masculinos e femininos o denunciam como objeto simbólico.

Na França, durante a revolução, no século XVIII, a mulher participava ativamente ao lado do homem no processo revolucionário (ALVES,PITANGUY, 2017). É nesse contexto que o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada, reivindicando direitos de cidadania. Na França, as mulheres assumem um discurso próprio, em que afirmam a especificidade de luta da mulher. Houve participação efetiva da mulher na vida pública durante o período revolucionário, no entanto, após o sucesso da revolução, essa participação efetiva é reprimida por um decreto de 1795 da Assembléia Nacional, que a circunscreve ao âmbito doméstico,

> Decreta-se que todas as mulheres se retirarão, até ordem contrária, a seus respectivos domicílios. Aquelas que, uma hora após a publicação do presente decreto, estiverem nas ruas agrupadas em número maior que cinco, serão dispersadas por força das armas e presas até que a tranquilidade pública volte a Paris.

Assim, encerra-se formalmente o acesso da mulher à participação na esfera pública, consoante com ideias comuns do principal teórico da revolução, Rousseau, para quem o mundo masculino seria, por natureza o mundo externo, e o feminino, o mundo interno. (ALVES,PITANGUY, 2017).

Neste momento em que noções de propriedade e privacidade foram drasticamente questionadas, mudanças na silhueta da roupa feminina podem facilmente ser associadas à limitação das liberdades individuais das mulheres como forma de disciplinar seus corpos através de silhuetas delgadas. Assim, as saias se

aproximavam do corpo, a cintura natural subia e a silhueta se estreitava em uma coluna. O visual neoclássico não dispunha de espaço para bolsos. Os bolsos das mulheres eram lugares privados que as acompanhavam em espaços públicos, e quanto mais restrita a possibilidade de carregar objetos, menos liberdade ela teria, uma vez que isso a forçaria a andar sempre acompanhada de uma pessoa do sexo oposto para guardar seus pertences, que deveriam ser reduzidos. Tirar os bolsos é limitar a capacidade das mulheres de transitar por espaços públicos, além de restringir suas liberdades individuais. Os bolsos garantiam autonomia à mulher, e essa liberdade era muito assustadora. Por analogia, considero interessante a presença de um acessório nesteperíodo que aponta para esse temor em relação ao objeto secreto carregado por uma mulher, os *chatelaines*, que eram uma espécie de cinto decorativo com uma série de pendentes. Em cada extremidade, estava preso um objeto doméstico utilitário, os que a mulher tinha permissão de portar, uma vez que estavam associados ao papel social que lhes era imposto. Dentre esses objetos, havia tesouras, dedais, relógios, espelhose chaves. Ao contrário das bolsas, que escondiam tudo, esses acessóriostornavam visíveis as atividades das mulheres.

A organização RationalDressSociety[3] foi fundada em 1881, em Londres, com o objetivo de lutar contra peças como espartilhos e sapatos de salto alto, que deformavam o corpo feminino e impediam o seu movimento. Ela encorajava as mulheres a vestirem peças largas, confortáveis, e com bolsos. Estimulavam o pensamento de que nenhuma roupa deveria impedir os movimentos do corpo e a liberdade de transitar. Conscientes de que o acesso ao bolso garantia a liberdade de carregar objetos privados em espaços públicos, essa forma de pensar eraincentiva o uso de roupas que permitiam tal possibilidade. Acompanhando essas mudanças na sociedade surgiram as chamadas "New Woman", talvez a primeira leva de feministas,

---

[3] No início do século XIX, surgiu a preocupação com a distorção dos órgãos internos e com os problemas circulatórios causados pelo uso excessivo do espartilho. Também era motivo de preocupação a incapacidade geral de mulheres de fazer exercícios e de se mover livremente por causa do peso da saia e das estruturas que compunham seu vestuário. Em resposta a essas preocupações, a RationalDressSociety foi fundada em 1881. Sua visão foi manifestadaem um artigo no Society's*Gazette*, "A RationalDressSociety protesta contra a introdução de qualquer moda no vestuário que deforme a figura, impeça os movimentos do corpo, ou que de alguma forma tenda a prejudicar a saúde. Protesta contra o uso de espartilhos justos; de sapatos de salto alto; de saias pesadas, que tornam o exercício saudável quase impossível; e de todos os mantos ou outras peças de vestuário que impeçam os movimentos dos braços. Ela protesta contra crinolinas de qualquer tipo (...). Ela exige que todos sejam vestidos de forma saudável, confortável e bonita, para buscar o que conduz à saúde, conforto e beleza em nosso vestido como um dever para conosco e para com cada um de outros."

incluindo sufragistas e outros movimentos rebeldes, que acreditavam na igualdade econômica, social e política dos sexos, e encorajavam o uso de roupas com bolsos.

Figura 2 - Chatelaine

Figura SEQ Figura *

Fonte: Womens Republic blogspot

Em uma manchete do The New York Times de 1910, lê-se "PlentyofPockets in SuffragetteSuit”[4], "Muitos bolsos em um terno sufragista”, em que é apresentado um novo traje para a mulher "intelectual". O terno, explica o artigo , tem sete ou oito bolsos, "tudo à vista e tudo fácil de encontrar", bolsos em abundância é o esperado na roupa de uma mulher que valorizava a pesquisa e o pensamento, segundo o artigo. O bolso ainda é apontado como elemento desafiador em relação à sociedade e aos homens, uma vez que representam a privacidade das mulheres: "os bolsos das mulheres podem levar algo secreto, algo privado ou algo mortal”.

O fato dos ternos masculinos apresentarem, no período, algo em torno de quinze bolsos, não pode ser desconsiderado, é importante voltar-se para o sentido simbólico deste dispositivo, e na forma de resistência que caracterizaria a presença dele em trajes femininos. Em outro artigo do *New York Times,* de 1899*, World's use ofPocketes"*[5]*,* o autor é irônico afirmando que a própria civilização é fundada em bolsos, *"As webecome more civilized, weneed more pockets (…) No pocketlesspeoplehaseverbeengreatsincepocketswereinvented, andthefemale sex cannot rival uswhile it ispocketless”, "*Àmedida que nos tornamos mais civilizados, nós precisamos de mais bolsos (…), Nunca nenhuma pessoa sem bolsos foi grande desde de que bolsos foram inventados , e o sexo feminino não pode competir com a gente enquanto sua roupa não dispõe de um bolso”.

---

[4] PLENTY OF POCKETS IN SUFFRAGETTE SUIT; LatestCreationAlsoHas a DividedSkirt, TurnedUpandCreased. **The New York Times**, 10 out. 1910. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1910/10/10/archives/plenty-of-pockets-in-suffragette-suit-latest-creation-also-has-a.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1910%2F10%2F10%2F102048996.html%3FpageNumber%3D5>. Acesso em: 17 out. 2018.

[5] WORLD'S USE OF POCKETS; Men'sClothesFullofThem, WhileWomenHaveButFew. CIVILIZATION DEMANDS THEM A TailorTellstheQueerPurposesPockets Are Madeby Some MentoFulfill.**The New York Times**, 28 ago. 1899. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1899/08/28/archives/worlds-use-of-pockets-mens-clothes-full-of-them-while-women-have.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1899%2F08%2F28%2F102534376.html%3FpageNumber%3D7>. Acesso em: 17 out. 2018.

Os homens sabiam o poder que um bolso tinha, sabiam que a conquista feminina de um bolso poderia desencadear uma revolução, que as mulheres com acesso ao bolso dariam um passo para a igualdade, e teriam acesso a espaços até o momento predominantemente masculinos, o que deixa mais evidente como a sua ausência é um mecanismo de controle social.

A ideia da mulher poder guardar algo privado e secreto, em uma sociedade que exerce um papel disciplinador sobre ela e seu corpo até os dias de hoje, é tido como um comportamento que desafia a dominação masculina e convenções da sociedade patriarcal. As mulheres sabiam a potência do bolso enquanto dispositivo, assim, os movimentos políticos ligados ao movimento feminista são seus principais incentivadores. O *RationalDressSociety* estimulava as mulheres a andarem com os as mãos nos bolsos. É relevante a reflexão de Janet C. Myers ao analisar o simbolismo “das mãos nos bolsos” em romances vitorianos, enquanto relacionados ao masculino,

> (…) a articulação e a forma do corpo masculino são enfatizadas pela disposição das mãos nos bolsos, tornando este um gesto algo que impregna um homem com dominância e poder (…) Em outros casos, a postura de ficar em pé ou andar com as mãos nos bolsos da pessoa evoca a sensação de autoconfiança, facilidade ou auto-reflexão do personagem masculino.(MYERS, 2014)

O fato de uma mulher caminhar com a mão no bolso chocou um jornalistada revista The Graphic em 1894, que escreveu ironicamente, *"The pocketsofthe ‘New Woman,’ admirablyuseful as they are, seemlikelyto prove her new fetish, to stand herinsteadof blushes andshynessandembarrassment, for whocanbeanyofthesethingswhileshe stands withherhands in herpockets?”*, "Os bolsos da 'Nova mulher’, admiravelmente úteis como são, parecem promover seu novo fetiche substituindo a "timidez e constrangimento", como se estes pudessem ser atribuídos à uma mulher com as mãos nos bolsos."

Uma mulher apresentar-se em um ambiente público com as mãos nos bolsos, motiva casos de moral ultrajada, associado a uma desvio sexual daquelas que assim se portam. O erotismo manifestado no que é velado está no jogo de sedução de

Figura 3 - The sufraggets propaganda

Fonte: Images Yahoo

"revelare esconder", alvo de denúncias moralistas, devido ao fato de que o sexo associado ao feminino ainda é condenado pela sociedade tradicional.

Os bolsos também estão explicitamente ligados a uma nova "persona" para as mulheres, caracterizada pelo autocontrole, em vez do "rubor, timidez e constrangimento", tipicamente associados à modéstia feminina convencional e à auto-anulação. Essa citação sugere, assim, que o potencial transgressivo, associado aos bolsos das mulheres, e a postura que o acompanhava, representavam uma ameaça às normas de gênero.

Ainda Burman observa que a ausência de bolsos visíveis no vestuário feminino antes de meados do século XIX ajudou a isolar e proteger as mulheres em termos espaciais.

> O respeitável corpo feminino do século XIX é mostrado como protegido e fechado por suas roupas, seu poder no mundo social, portanto, formalmente inacessível e incognoscível. Em uma personificação auto-realizável da diferença de gênero, a delineação e o gerenciamento das mulheres de seus próprios corpos no espaço social eram limitadas pela falta de oportunidade de tocar seus próprios corpos, por procuração, através de seus bolsos. Em vez disso, suas mãos faziam outros gestos por meio do vestido, alisando ou arrumando suas roupas ou por meio de giros elegantes ou tarefas como servir chá, segurar os leques, costurar ou tricotar. (Burman, 2007)

Figura 4 - Anti- Sufraggets post cards

Fonte: .huffpostbrasil

Como parte significante da reforma do vestuário, o valor simbólico do bolso e as formas subversivas de resistência relacionadas a ele como dispositivo produziram ramificações significativas para a emancipação das mulheres. Segundo um defensor da reforma do vestuário, em um artigo de 1894, "a questão da mulher, em todas as suas fases, deve sempre se resolver em um problema de vestuário. Pois não são todas as 'individualidades, distinções e políticas sociais' dadas às mulheres através das roupas?" ("RationalDress for Cyclists "). O RationalDress, incluindo, mas não limitado à

adaptação dos bolsos às mulheres, desempenhou um papel substancial na formação da identidade feminina, levantando questões inquietantes sobre o que poderia acontecer uma vez que esse limiar, a mulher que goza do bolso, ultrapassasse os limites privados de suas casas em direção ao espaço público.

3.2 - Os bolsos das mulheres podem levar algo secreto algo privado, algo mortal

Recordo-me do capítulo do Livro de Michelle Perrot, em que ela descreve a potência existente nos quartos femininos, onde por muitos anos as mulheres foram confinadas. Ela recorre a uma frase de Virgínia Woolf para iniciar sua reflexão: “As mulheres ficaram em suas casas durante milhares de anos, por isso hoje as próprias paredes estão impregnadas de sua força criadora”. Michelle Perrot e Virginia Woolf me fizeram refletir sobre o potencial criador transmitido pelos bolsos femininos, uma vez que, assim como seus quartos, este guarda questões que se relacionam à moral, à decência, ao pudor, ao imaginário erótico. Os segredos das mulheres passam por seus bolsos, e qual a potência criativa de um lugar que revela intimidade, confidência, erotismo e liberdade?

Em vários romances vitorianos, os bolsos abrigam cartas privadas para serem lidas ou reveladas em momentos estratégicos. Além disso, eles geralmente guardam cartas de amor. Além da correspondência privada e das lembranças sentimentais, os bolsos femininos também escondem segredos dos mais subversivos. Eles funcionam como marcadores de fronteira que demarcam uma linha entre o espaço privado e o espaço público e, portanto, funcionam como elementos simbólicos na negociação de relações íntimas (Fennetaux 321-22). Como tal, eles são frequentemente associados a segredos, permitindo que o individuo esconda sua riqueza e seus tesouros, como uma carta clandestina ou uma lembrança de um pretendente, em vez de exibi-los torna algo íntimo. Os bolsos também simbolicamente são associados à sexualidade da mulher por causa de sua proximidade com o corpo, e sua sugestiva forma uterina (Burman, 452): quando uma mulher coloca as mãos em seus bolsos penetra em um dispositivo íntimo relacionado ao corpo. Muitas dessas associações com a sexualidade perdem-se com o passar do tempo, pois a cintura da mulher era

considerada uma zona erógena, durante os períodos vitoriano e eduardiano (Kortsch, 61).

Figura 5 - ulas no Instituto de Música e Ritmo Emile Jacques-Dalcroze. Hellerau, Alemanha

Fonte: Arzamas Academy

O segredo feminino guardado na intimidade de seus bolsos representa uma ameaça ao domínio masculino. Os homens sabem a potência transformadora guardada dentro dos bolsos das mulheres, por isso o temem, e tentam, sob formas de controle, conspirar contra a sua existência. Um estilista de trajes específicos para ciclismo deu uma entrevista, em 1895, ao New York Times, sobre as possibilidades de suas clientes reivindicarem bolsos em suas roupas para esconder armas: "Nem todas elas querem carregar um revólver", diz o alfaiate anônimo, “mas uma grande porcentagem o faz e não se inibe em deixar isso claro. Mesmo quando elas não me dizem por que querem o bolso, elas costumam trair seu propósito pedindo que seja forrado com pato ou couro"[6]. O episódio revela a constante paranóia masculina de uma possível conspiração de mulheres prontas a se rebelar e o bolso seria o dispositivo perfeito para começar uma revolução.

Existem elementos simbólicos, enraizados na nossa cultura ocidental em relação à mulher, responsáveis pelas percepções da sociedade em relação aos papéis sociais da mulher. Muitos desses são signos cristãos, como a figura de Eva, que seria a responsável pela queda do homem, portanto instigadora do mal, estigma que se propaga por todo o sexo feminino,e que vem se traduzir na perseguição implacável ao corpo da mulher, tido como maléfico. A mulher seria aquela que dissimula, que guarda segredos. A caça às bruxas, verdadeiro genocídio, tão pouco estudado e denunciado, é parte da herança de silêncio que percorre a história da mulher. Existe, nessa perseguição às feiticeiras, um elemento claro de luta pela manutenção de uma posição de poder por parte do homem. A mulher tida como bruxa,

---

[6] A PLEA FOR THE BLOOMERS; A BicycleCostumerTalksofWomen'sCyclingApparel. MORE MODEST THAN OPERA DRESS ButRecommendedEspeciallyonHygienicandSatelyPrinciples as Well as Decorum -- PistolPockets a Fad.**The New York Times**, 4 ago. 1895. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1895/08/04/archives/a-plea-for-the-bloomers-a-bicycle-costumer-talks-of-womens-cycling.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1895%2F08%2F04%2F102517055.html%3FpageNumber%3D15>. Acesso em: 17 out. 2018.

supostamente possuiria conhecimentos que lhe assegurariam espaços de atuação que escapavam ao domínio masculino.O conhecimento em poder das mulheres ao qual os homens não tem acesso é considerado perigoso.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode se concluir, a partir dos questionamentos levantados, que ovestuário é um dos mais eficientes instrumentos de comunicação e significação, é uma espécie de mídia expressiva, o objeto e seu signo, de maneira altamente visual, conectado intimamente com a pessoa, e são conduzidos por ela em toda a sua dimensão social (Miranda, 2008). Assim, a moda pode ser considerada um código, detentor de significado e, portanto, um dispositivo social. O vestuário pode ser empregado como ferramenta de contestação ideológica, e enquanto objeto simbólico é um mecanismo efetivo na manifestação de um discurso.

Arquétipos associados ao masculino e ao feminino estão intimamente ligados a códigos vestimentares necessários à manutenção das formas de controle social impostas às mulheres, assegurando privilégios masculinos. Contudo, ao compreender a moda como dispositivo social e político, a mulher passa a empregá-lo efetivamente no seu processo de emancipação política. Usam do sentido simbólico de peças do vestuário ou exploram seu potencial transgressor como forma de evidenciar seus questionamentos. Ao perceberem o bolso como símbolo significativo do domínio masculino sob seus corpos e liberdades individuais, o ressignificam, e o transformam em potente mecanismo de contestação em relação a noções de gênero e papéis sociais impostos às mulheres.

O fato de ainda hoje o bolso ser um dispositivo quase restrito em relação ao vestuário masculino, se deve às questões enraizadas na nossa sociedade, que enunciam o homem como portador de bens e a mulher como objeto estético. Há, ainda, um questionamento a ser levantado, uma razão possível para a ausência ou ineficiência de bolsos no vestuário feminino, que estaria hoje relacionada aos padrões corporais impostos às mulheres pela mídia, uma vez que os bolsos produzem um aumento de volume relacionado à modelagem. Devemos considerar a imposição de um padrão estético que privilegia corpos magros, assim a silhueta desejada se opõe à sua presença. É importante questionar como tais padrões estéticos continuam sendo produto de signos sociais que pretendem a manutenção do sistema patriarcal em que vivemos, e ainda uma forma de controle sobre os corpos e posturas femininas.

REFERÊNCIAS

• BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo. In: _____. O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. Brasiliense, 2017.

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação.** Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. (1995). **Inéditos, vol. 3: imagem e moda.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARTHES, Roland. (1967). **Sistema da moda.** Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

BURMAN, Barbara. **"Pocketing the Difference: Gender and Pockets in Nineteenth-Century Britain." Gender and History** 14.3 (2002): 447-469.

BURMAN, Barbara and Seth Denbo. **Pockets of History: The Secret Life of an Everyday Object**. Museum of Costume and Assembly Rooms Bath. Exhibition catalogue. 27 September 2006-2 September 2007.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo.** Tradução de Pedro Maia Soares. Cadernos Pagu, n.11, p. 11-42, 1998.

CASTILHO, Kátia. **Moda e Linguagem.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

FENNETAUX, Ariane. **"Women's Pockets and the Construction of Privacy in the Long Eighteenth Century."** Eighteenth-Century Fiction 20.3 (Spring 2008): 307-334.

GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula de. **Moda é Comunicação: experiências, memórias, vínculos.** São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2005.

KORTSCH, Christine Bayles. **Dress Culture in Late Victorian Women's Fiction: Literacy, Textiles, and Activism.** Ashgate Publishing, 2009.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino.** Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LURIE, Alison. **A linguagem das roupas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MIRANDA, Ana Paula de. **Consumo de moda: a relação pessoa-objeto.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MYERS, Janet C. **Picking the New Woman's Pockets.** Elon, North Carolina. Issue 10.1.Spring 2014.

PERROT, Michelle. **História dos Quartos**. São Paulo, trad. Alcina Brant, Ed. Paz e Terra, 2009.

WILSON, Elizabeth; FREIRE, Maria João. **Enfeitada de sonhos: moda e modernidade**. 1989.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

- **JORNAIS:**

A PLEA FOR THE BLOOMERS; A Bicycle Costumer Talks of Women's Cycling Apparel. MORE MODEST THAN OPERA DRESS But Recommended Especially on Hygienic and Sately Principles as Well as Decorum -- Pistol Pockets a Fad. The New York Times, 4 ago. 1895. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1895/08/04/archives/a-plea-for-the-bloomers-a-bicycle-costumer-talks-of-womens-cycling.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1895%2F08%2F04%2F102517055.html%3FpageNumber%3D15>. Acesso em: 17 out. 2018. [Em anexo]

GILMAN, Charlotte P. **Male Attire**. The New York Times, 05 mar. 1905. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1905/03/05/archives/male-attire-charlotte-p-gilman-inveighs-against-it-but-finds.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1905%2F03%2F05%2F101703610.html%3FpageNumber%3D8>. Acesso em: 17 out. 2018. [Em anexo]

PLENTY OF POCKETS IN SUFFRAGETTE SUIT; Latest Creation Also Has a Divided Skirt, Turned Up and Creased. The New York Times, 10 out. 1910. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1910/10/10/archives/plenty-of-pockets-in-suffragette-suit-latest-creation-also-has-a.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1910%2F10%2F10%2F102048996.html%3FpageNumber%3D5>. Acesso em: 17 out. 2018. [Em anexo]

WORLD'S USE OF POCKETS; Men's Clothes Full of Them, While Women Have But Few. CIVILIZATION DEMANDS THEM A Tailor Tells the Queer Purposes Pockets Are Made by Some Men to Fulfill.The New York Times, 28 ago. 1899. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1899/08/28/archives/worlds-use-of-pockets-mens-clothes-full-of-them-while-women-have.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1899%2F08%2F28%2F102534376.html%3FpageNumber%3D7>. Acesso em: 17 out. 2018. [Em anexo]

• TEXTOS DE ACESSO ELETRÔNICO:

BASU. Tania. ***The Gender Politics of Pockets***. 2014. Disponível em <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2014/09/the-gender-politics-of-pockets/380935/>. Acesso em 02 nov. 2018.

FRIEDMAN. Vanessa. ***Why Hillary Wore White***. 2016. Disponível em <https://www.nytimes.com/2016/07/30/fashion/hillary-clinton-democratic-national-convention.html?_r=0>. Acesso em 01 nov. 2018.

LUBITZ. Rachel. ***The Single Most Important Innovation That Women's Clothing Needs***. 2015. Disponível em <https://mic.com/articles/125620/pockets-are-the-single-most-important-innovation-that-womens-clothing-needs#.S7gEM4qHD>. Acesso em 02 nov. 2018.

SUMMERS. Chelsea G. ***The Politics of Pockets***. 2016. Disponível em <https://www.racked.com/2016/9/19/12865560/politics-of-pockets-suffragettes-women>. Acesso em 02 nov. 2018.

• ILUSTRAÇÕES:

Imagem 1 - Louise Bourgeois. 1992Garment from the performance "She Lost It"
Fonte:https://www.moma.org/collection_lb/object.php?object_id=72262

Imagem 2 - Chatelaine, by Thornhill, Bond Street. London, UK, 1850
Fonte: http://womens-republic.blogspot.com/2016/

Imagem 3 - The sufraggets propaganda , 1914
Fonte:https://images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrBT7WQWs9X8JUAZVpXNyoA;_ylu=X3oDMTE0Mmx1dHNmBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDQjI1NDBfMQRzZWMDcGl2cw--?p=the+sufraggets+propaganda&fr=aaplw&fr2=piv-web&guccounter=1#id=259&iurl=http://www.ufunk.net/wp-content/uploads/2014/12/vintage-postcards-against-women-suffrage-21.jpg&action=click

Imagem 4 - Anti- Sufraggets post cards , 1910
Fonte:https://www.huffpostbrasil.com/entry/anti-suffragette-postcards-show-fighting-for-change-has-never-been-easy_n_3714795

Imagem 5 -Aulas no Instituto de Música e Ritmo Emile Jacques-Dalcroze. Hellerau, Alemanha, 1912.

VII. ANEXOS

A PLEA FOR THE BLOOMERS; A Bicycle Costumer Talks of Women's Cycling Apparel. MORE MODEST THAN OPERA DRESS But Recommended Especially on Hygienic and Sately Principles as Well as Decorum -- Pistol Pockets a Fad. The New York Times, 4 ago. 1895.

A PLEA FOR THE BLOOMERS.

A Bicycle Costumer Talks of Women's Cycling Apparel.

MORE MODEST THAN OPERA DRESS

But Recommended Especially on Hygienic and Safety Principles as Well as Decorum—Pistol Pockets a Fad.

After all the other revelations about the up-to-date woman who goes cycling in bloomer garb, comes now the information that she wears a pistol pocket in her garments of emancipation and carries in that pocket a real "shooting iron." This is no figment of fancy, but the fact. It is not, moreover, a fact that applies to only a few of the bolder ones of the fair sex, to that element against which the invective of the pulpit has been directed; on the contrary, it fits the cases of many of the most modest among the bloomer brigade.

The authority for the statement is none other than one of the oldest and most experienced cycling outfitters in the country, a man who has made more plain and double skirts for devotees of the wheel than any other tailor of either sex. To him a reporter for The New-York Times went to see what further light could be thrown on the vexed question, so much discussed lately, of whether skirts or bloomers are the more modest apparel.

At first it was thought that a symposium of opinion from women cyclists who wear the different styles of dress would be most helpful in the matter, but some practical details were necessary.

A tour of inspection in the establishment of the man-tailor is calculated to be a bit awesome to the average member of the dominant sex, for a large line of ready-made suits is carried, and when seen ensembled as they lie in great piles on the counters they impress the fact that man's monopoly of trousers has ceased much more emphatically than do any Sunday scenes along the Boulevard.

In the piles are "divided skirts," "bloomers," and "trousers," but the greatest of these are the trousers. They are of Parisian patterns, designed to fit very quick, like the costume of boy-impersonating soubrettes. They are made open at the sides, with pockets, and are free at the knees, with neither buttons nor draw strings, exactly like the knickerbockers of the small boy. The amount of stock carried is alarmingly suggestive of their growing popularity.

The tailor was naturally an ardent advocate of rational dress, but such toggery he deplores as irrational and apologizes for it on business principles. His argument is, that as women have costumes for riding, for bathing, and for the ballroom, why should they not have a habit for cycling. "The average bloomer suit," he said, "is far more modest than the average bathing or opera dress. Take these, for instance," he proceeded, turning to a pile of divided skirts, "and no one could possibly tell that a woman clothed in them was not wearing a regulation walking skirt; yet they give a freedom of action that goes a long way toward insuring comfort and security from accident on a wheel.

"For general purposes, however, I believe in the bloomers, on principles of decorum, hygiene, and safety. Neither the divided skirts nor the tight trousers have a sale anything like bloomers, and I always recommend them, although I have more trouble with their fit, and make less profit on them than on the other styles."

The pattern of skirt shown as being that most worn was a garment which when lying folded on the counter looked like a pair of very fat trousers with a fin keel. When held up for inspection the fin keel proved to be a single strip of cloth connecting the legs of the trousers, and it fell into uniform folds with the two compartments, so that it would be impossible to detect the fraud.

Masculine curiosity turned its attention next to the bloomers, and quickly found a reason for their popularity in the fact that they were all made to fasten at the bottom so as to keep out the mice. For this purpose either elastic bands, buttons, hooks and eyes, or draw strings are employed. Handling them gingerly, it was observed that, unlike the web-legged skirts, they did not have a neck band in one piece, but were cut like the trousers, with an opening at each side and had side pockets big enough to hold a comb and brush, hand mirror, and powder puff. Some had pistol pockets, while others were without them, and it was at this point of the investigation the information was gleaned that those compartments on the hip meant business. When questioned to the point, the tailor remarked:

"While only a few of the ready-made bloomers have hip pockets, I have to put them in nearly every pair that I make. Not all of them want to carry a revolver, but a remarkably large percentage do and make no 'bones' about saying so. Even when they do not tell me why they want the pocket, they often betray their purpose by asking to have it lined with duck or leather. I could point out on the Boulevard at almost any time a dozen women whom I know carry pistols. The liking for night riding has grown rapidly, and the one or two instances that have been published of women being molested by tramps or others are not the only ones that have happened.

"Two or three of my customers have told me of attempts made to halt them by men, which they frustrated by riding swiftly on, but they added that if it were not for the pistol in their pocket, which they had for use in extremity, they would have been too much frightened to ride fast. It is from the very best class of my customers that I get these stories, and they are practically the only ones who acknowledge carrying revolvers. They are women who know how to handle a pistol and can make as good a score on a target as most men.

"I think that married women go in for bloomers more than single women," continued the woman's dress tailor. "The younger ones are naturally a bit shy yet, but if the popularity of the sport continues, there is no question in my mind that in a year or so a woman riding in skirts will attract as much attention as one in bloomers did a year or two ago. Bloomers are the thing. The only trouble in this question, as in others of the kind, is that some of the lower element throw discredit on the costume by going to extremes and showing vulgarity. This is true in all kinds of dressing, and there is no more reason for women to taboo bloomers because of it than there is for them to eschew skirts and hats because of the loud and vulgar attire worn by the fast and frail.

"For those who will ride cycles in skirts I have a piece of general advice that will save them much of the annoyance occasioned by the skirts blowing up. They should ride with their knees close together—almost rubbing, in fact. In the pedaling action the legs move so rapidly that one knee catches up the skirt on one side before it has had a chance to fall back in place on the opposite side, and then the wind gets its chance; but if the knees are thrown together, the skirt falls at once, and is not lifted so much out of place by the alternating motion."

The New York Times
Published: August 4, 1895
Copyright © The New York Times

Fonte:https://www.nytimes.com/1895/08/04/archives/a-plea-for-the-bloomers-a-bicycle-costumer-talks-of-womens-cycling.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1895%2F08%2F04%2F102517055.html%3FpageNumber%3D15

Male Attire. The New York Times, 05 mar. 1905.

Fonte:https://www.nytimes.com/1905/03/05/archives/male-attire-charlotte-p-gilman-inveighs-against-it-but-

MALE ATTIRE.

Charlotte P. Gilman Inveighs Against It but Finds Redeeming Features.

From The Independent.

Those who most strenuously rebel against women's clothes fly for relief to those of men; but the clothing of men is none so perfect that we should imitate it.

That mark of manly freedom, the trouser, is so constructed that the wearer cannot so much as sit down without straining it at the knees, and if he squat sharply there is likely to be work for the job tailor. Moreover these ugly garments, hiding the natural shape, must needs have a conventional outline of their own and be laboriously pressed and hung up by the heels in pincers to keep this artificial shape. Now, why should it be held beautiful to have the front of a man's leg seem to call for a paper cutter? Men's clothing is heavy and hot, and so confessedly uncomfortable that in the free-mannered West the coat comes off with the hat on entering the home. "Dressing gown and slippers" the tired man puts on when sitting down to lounge and rest, his coat and shoes being a weariness to the flesh.

One supremacy there is in man's clothing, the importance of which has been often noted, but never sufficiently—namely, its adaptation to pockets.

Women have from time to time carried bags, sometimes sewn in, sometimes tied on, sometimes brandished in the hand; but a bag is *not a pocket*.

If your bag be small and holds but a few things it is of little use; if it be large and holds many things there is much trouble in finding the article wanted. Pockets, in the masculine sense, are trim, flat, vertical pouches, keeping their shape and place so that the accustomed hand can fly to them instinctively. There was a time some years ago when women were allowed a rearward pocket at the closing of the skirt, and the way their hands "flew to them" and soared and hovered and swooped in vain was a subject of much mirth.

The man's pockets remain alike in size, shape and position, while the clothes change around them. In their number and variety comes that easy carriage of small articles which add so much to the preparedness of men as compared to women.

The New York Times
Published: March 5, 1905
Copyright © The New York Times

finds.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1905%2F03%2F05%2F101703610.html%3FpageNumber%3D8

PLENTY OF POCKETS IN SUFFRAGETTE SUIT

Latest Creation Also Has a Divided Skirt, Turned Up and Creased.

GOWN SHOW ON ASTOR ROOF

Exhibition Brought a Demand for Size 38 Models, and They Got Some from Boston.

The American Ladies Tailors' Association will begin its week-long fashion show on the Hotel Astor roof this afternoon at 2 o'clock; the purpose being to show that American tailors don't have to go to Paris after stylish ideas. The members of the organization all over the country have sent on the creations of which they are most proud, and all these will be exhibited.

Under the glass roof of the Astor-Belvedere some thirty-five living models will walk about showing the dresses with which their style of beauty most harmonize. The managers of the show have a white and black life-size but lifeless horse on which young women wearing riding habits will sit from time to time trying to look as if they were in Central Park.

An automobile is to be set up and sprinkled with gasolene so that verisimilitude will be lent to the models sitting in it wearing automobile clothes of one kind and another. A sleigh is there, and while there will be no ice there will be skating costumes.

A full-sized aeroplane, though without a motor has been set up in one end of the Belvedere for the purpose of showing off special aeroplane costumes for women.

A platform has been erected, too, on which models will stand who wear what is known as the suffragette modified trousers.

It is not indulging in exaggeration to say that all was excitement on the Astor roof yesterday afternoon. The managers of the show were getting it ready. Newspaper and fashion journal photographers were busily, even fussily, at work. One of the managers was employing models in addition to those employed last week, and telling them what their duties would be. The models already employed were taking off and putting on clothes, while the photographers took their pictures after they had the new clothes on.

It was said that a good many of the tailors meaning to exhibit had made up show costumes for size 38 models but that when they advertised most of the applicants were 34s, only a few of them going up to 38. The demand, however, seems to have been supplied, though some of the successful applicants were taken from New Jersey, Boston and Berlin.

A 38 is an ample show-girl size. One of the 38s is a gray-eyed girl recently from Berlin whose chief business it is to put on a dark blue aeroplane habit and sit in the aeroplane seat, with her countenance set hard as if she meant to fly out and meet Ely coming this way from Chicago.

There are two kinds of aeroplane costumes shown. One is a combination of blue princess over bloomers, the princess being divided and stuck in short leggins that run over the shoes. The princess also extends up into a hood laced in front around the face with a small leather thong. The other costume is a hooded cloaklike dress over a pair of what may be called close riding breeches. The bottom of the cloak is looped back when the aviatress sits at ease in her machine on the ground.

The suffragette costume ought to be described. It shall be described, come what
chine on the ground.

The suffragette costume ought to be described. It shall be described, come what may. The model who is to wear it has blonde hair. Her eyes have the courage of the eagle, and she wears a plain shirtwaist with a high collar and cuffs. The coat—why, the coat is just a short thing with pockets in the side, hugging the collar close like a man's coat. The skirt, or the lower part of the costume, is divided. But it is not merely a divided skirt. The legs of the garment are pressed into proper creases before and behind, and are turned up at the bottom. This garment has two pockets in front and two behind. Indeed, the whole costume has seven or eight pockets, all in sight and all easy to find, even by the wearer.

One of the models came in a little late yesterday afternoon. It was her rôle to wear a really magnificent evening dress with what one of the tailors said was Egyptian coloring, and also with Grecian lines, and with bangles from the corsage, and with a whole lot more simple things about it.

When she got in she saw, standing before a white curtain, a woman with her costume on, confronted by two cameras, flanked by reporters. Her eyes blazed, her lips curled, and she followed the other model back to the dressing room. There were sounds of cruel words, but both came out after a while wearing beautiful smiles. They also both wore new costumes.

LECTURES ON SANITATION.

Course at Columbia Dealing with Public Health Problems Begins To-day.

Columbia University will begin its first series of public lectures for the year this afternoon at 5 o'clock in the Horace Mann Auditorium, Broadway and 120th Street. The lectures are to be given Mondays at the same hour on these subjects:

Oct. 10, "The Development of Public Health Work," Dr. Hermann M. Biggs; 17, "Water Pollution and Water Purification," Dr. C. E. A. Winslow; 24, "Clean Streets as a Factor in Public Health," (to be announced later;) 31, "The Collection and Disposal of Municipal Waste," George Y. Boyer, Ph. D.

Nov. 7, "Communicable Diseases, Diphtheria, Typhoid Fever, Scarlet Fever, &c.—Their Transmission," Dr. William Hallock Park; 14, "Communicable Diseases—Their Prevention," Dr. Park; 21, "Some Examples of the Control of Infectious Diseases," Dr. Simon Flexner; 28, "The City Milk Supply and Its Control," Dr. Ernst Lederle.

Dec. 5, "Flies and Other Insects as Carriers of Disease," (to be announced later;) 12, "Housing and Health," Lawrence Veiller; 19, "Tuberculosis: The General Problem; the Organized Campaign Against the Disease," Dr. Livingston Farrand.

Jan. 9, "Tuberculosis as a Social Problem; Methods of Treatment," Dr. James Alexander Miller; 10, "What the Teacher Should Know of the Tuberculosis Problem," Dr. S. Adolphus Knopf; 23, "What the Teacher Could Do Toward the Solution of the Tuberculosis Problem," Dr. Knopf.

A somewhat similar course of lectures was given last year at the College of Physicians and Surgeons. At that time a committee was appointed to consider the feasibility of establishing at Columbia a "School of Sanitary Science and Public Health." Nothing definite, however, has been accomplished.

Students to Debate Direct Primaries.

The question whether the direct primary system of nomination be applied to all elective offices in New York State will be the subject for debate between Columbia and Syracuse Universities in December. Arrangements for the debate, which will be the first between the two universities, were completed the other day. The Columbia team is being coached by Prof. C. A. Beard, who drafted the first primary bill introduced in the Legislature.

The New York Times
Published: October 10, 1910
Copyright © The New York Times

PLENTY OF POCKETS IN SUFFRAGETTE SUIT; Latest Creation Also Has a Divided Skirt, Turned Up and Creased.

The New York Times, 10 out. 1910.

Fonte:https://www.nytimes.com/1910/10/10/archives/plenty-of-pockets-in-suffragette-suit-latest-creation-also-has-a.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1910%2F10%2F10%2F102048996.html%3FpageNumber%3D5

clothes next to his skin? D' you reckon any of our girls would care to know a man with no pockets in his clothes and carrying his love letters and tokens around in a bag?

"Edmond About says the more complex man's wants become the faster he makes progress in civilization, and that's true about clothes. As we become more civilized we need more pockets. A man has now letters to mail and others he doesn't care to leave around, pocketknife, money in bills and metal, corkscrew, pencils and a fountain pen, handkerchief, bunch of keys, time table, bicycle road directory, card case, cigar case, watch, newspapers, probably a picture of somebody, a lot of memoranda, receipts and statements of account, matches and chewing tobacco, some special tools of his craft, if he has one, too often a mustache comb, and manicure apparatus and a box of pills, all developments and adjuncts of civilization, and he needs all the pockets he can get.

"Sometimes there is a revolver and a flask to carry. In Maine, where there is a prohibition law, retail liquor dealers have pockets set inside their boot legs and carry their goods in them. In South Carolina and parts of Georgia where there are dispensary laws tin cans are made to fit in overcoat pockets with rubber tubes and little faucets run through the lining inside and liquor is drawn from them by the drink. In the Southwest it was at one time fashionable for professional bad men to have a scabbard attached to the inside of the back of the old-style high collar waistcoat to receive a bowie knife, so that the hilt was just below the nape of the neck. The idea was that a man could draw his weapon from his collar and throw it into another man with a single, quick, sweeping movement of his arm and then, until the trick became generally known a man could lift his hand over his shoulder without causing suspicion, whereas a motion toward one of his trousers or coat pockets might cost him his life.

"What's the inside waistcoat pocket for?" asked the reporter.

"Sporting men carry their bank rolls there," replied the tailor. "Other men use them as places of specially safe deposit, just as the old fashionable leather money belt was once used But the truth is every pocket is available for something. Methodical men get the habit of putting certain things in certain pockets and stick to it

through life and unnumbered suits. Careless men scatter things everywhere through their clothes. All of us have seen men of that kind turning one pocket after another inside out looking for something they wanted.

"But," said the philosopher, "there you touch one of the greatest blessings of many pockets as a source of hope. Because he has many pockets the average man is never quite sure that he is flat broke or utterly without matches. He will go for days every now and then turning out his pockets, picking out the lint that gets wadded in the corners, hoping that he has stuck away a bill and overlooked it or missed a small coin; and no other joy like the joy of finding forgotten or unexpected money in a remote and unsuspected pocket. Many times I have packed dollar and two-dollar bills in pencil or fob or hip pockets, hoping to forget them and find them some time in an emergency, but I always remember them and catch myself banking on them with my second sub-consciousness.

WORLD DEMANDS MORE POCKETS.

"The world demands more pockets than it has. The women have none, and if they ever get within hailing distance of equality with men must have dozens. The fact that men need more than they have is evident every day.. We see small packages slipped into umbrellas and papers carried in hats. The surface road conductors use the sweatbands of their caps for extra pockets and pack transfer tickets into them. The only useless pockets are those in the tails of a frock coat. You can't carry anything in them that you can afford to sit on, and even a handkerchief there gives a hanging bustle effect.

"The desire for pockets has become by process of evolution a fixed sex trait. As soon as a boy gets on trousers with pockets he begins to swagger and assert his superiority, and feel that he is in business, sure enough. Watch a boy stick his hands in his trousers' pockets and spread his legs apart and argue a point of family difference, and you'll see his older and younger sisters, and very likely his mother, cower before him. I tell you it's all a matter of pockets.

"No pocketless people has ever been great since pockets were invented, and the female sex cannot rival us while it is pocketless. The boy who carries pieces of string, marbles, fishing worms, bits of crockery, sections of partially masticated chewing gum, and other things in his pockets soon becomes supreme in the household. He puts everything in his pockets but his money. That is in coin, and he carries that in his mouth, and usually swallows it."

With this final argument and deduction the Philosopher closed.

An eminent and successful pickpocket who was asked about pockets said:

"On the level, none of them are safe. What keeps us guessing is there being so many pockets and so many different habits of carrying long green in them. The left waistcoat pocket is the easiest mark; probably fifty men in every hundred use the right-hand pocket for their bills and the left for their watches. But so long as you keep your roll out of sight and your hands away from feeling it, a gent in my line of business is likely to let you alone. He doesn't like to go feeling around people blindfold."

"What about women in your business?"

The successful pickpocket looked disgusted.

"Say," he sneered, "when I was a kid I done a stretch for a latchkey and some samples done up in a fifty-dollar Rooshian leather case fat enough to be a little fortune. Since then I've stayed away. Women's pocketbooks is all bluff. When a woman has big bills she tucks 'em in her glove or down in the bosom of her dress, and you can't get at 'em."

big, long gingham aprons had pockets, and later young housekeepers and even unmarried women wore dainty little white frilled and tucked aprons with the most absurd and charming pretenses of pockets in front—gave the girls the opportunity to show how small their hands were by sticking their tiny white fists into them, and were very fetching.

"Now the skirts are so fashioned that pockets are impossible, and the Harlem woman wants a five-cent purchase of spool cotton sent to her home from a Twenty-third Street store on a delivery wagon, and carries her pocketbook in her hand to invite snatch thieves and hamper her in boarding street cars.

"The truth is, women let the dressmakers boss them and say how they shall wear their clothes, while men boss the tailors and have clothes made to meet the convenience of those who wear them."

A fashionable tailor who was asked about pockets said the tendency now is to have the upper pockets of sack and walking coats on the inside and to discourage the outside breast-pocket which is usually used for handkerchiefs, and from which very young men like to have the corner of a bright bit of silk show. As to trousers pockets, it is a matter of individual taste, but the tailors always argue for the side pockets, on the ground that in putting his hands into the old style pockets open from

the times of chivalry the more I am convinced that the girls of this day would not like at all the knights they rave over. It's a clear case of distance lending enchantment, and, taking point for point, the American woman I bet would prefer the ordinary, every-day American man to Galahad or Ivanhoe, or any of those fellows, and I wouldn't swap jobs with any one of 'em if I could. Suppose Galahad in full shining armor and a flea riveted up inside his

WORLD'S USE OF POCKETS; Men's Clothes Full of Them, While Women Have But Few. CIVILIZATION DEMANDS THEM A Tailor Tells the Queer Purposes Pockets Are Made by Some Men to Fulfill.The New York Times, 28 ago. 1899. Fonte:https://www.nytimes.com/1899/08/28/archives/worlds-use-of-pockets-mens-clothes-full-of-them-while-women-have.html?url=http%3A%2F%2Ftimesmachine.nytimes.com%2Ftimesmachine%2F1899%2F08%2F28%2F102534376.html%3FpageNumber%3D7

clothes next to his skin? D' you reckon any of our girls would care to know a man with no pockets in his clothes and carrying his love letters and tokens around in a bag?

"Edmond About says the more complex man's wants become the faster he makes progress in civilization, and that's true about clothes. As we become more civilized we need more pockets. A man has now letters to mail and others he doesn't care to leave around, pocketknife, money in bills and metal, corkscrew, pencils and a fountain pen, handkerchief, bunch of keys, time table, bicycle road directory, card case, cigar case, watch, newspapers, probably a picture of somebody, a lot of memoranda, receipts and statements of account, matches and chewing tobacco, some special tools of his craft, if he has one, too often a mustache comb, and manicure apparatus and a box of pills, all developments and adjuncts of civilization, and he needs all the pockets he can get.

"Sometimes there is a revolver and a flask to carry. In Maine, where there is a prohibition law, retail liquor dealers have pockets set inside their boot legs and carry their goods in them. In South Carolina and parts of Georgia where there are dispensary laws tin cans are made to fit in overcoat pockets with rubber tubes and little faucets run through the lining inside and liquor is drawn from them by the drink. In the Southwest it was at one time fashionable for professional bad men to have a scabbard attached to the inside of the back of the old-style high collar waistcoat to receive a bowie knife, so that the hilt was just below the nape of the neck. The idea was that a man could draw his weapon from his collar and throw it into another man with a single, quick, sweeping movement of his arm and then, until the trick became generally known a man could lift his hand over his shoulder without causing suspicion, whereas a motion toward one of his trousers or coat pockets might cost him his life.

"What's the inside waistcoat pocket for?" asked the reporter.

"Sporting men carry their bank rolls there," replied the tailor. "Other men use them as places of specially safe deposit, just as the old fashionable leather money belt was once used But the truth is every pocket is available for something. Methodical men get the habit of putting certain things in certain pockets and stick to it through life and unnumbered suits. Careless men scatter things everywhere through their clothes. All of us have seen men of that kind turning one pocket after another inside out looking for something they wanted.

"But," said the philosopher, "there you touch one of the greatest blessings of many pockets as a source of hope. Because he has many pockets the average man is never quite sure that he is flat broke or utterly without matches. He will go for days every now and then turning out his pockets, picking out the lint that gets wadded in the corners, hoping that he has stuck away a bill and overlooked it or missed a small coin; and no other joy like the joy of finding forgotten or unexpected money in a remote and unsuspected pocket. Many times I have packed dollar and two-dollar bills in pencil or fob or hip pockets, hoping to forget them and find them some time in an emergency, but I always remember them and catch myself banking on them with my second sub-consciousness.

WORLD DEMANDS MORE POCKETS.

"The world demands more pockets than it has. The women have none, and if they ever get within hailing distance of equality with men must have dozens. The fact that men need more than they have is evident every day.. We see small packages slipped into umbrellas and papers carried in hats. The surface road conductors use the sweatbands of their caps for extra pockets and pack transfer tickets into them. The only useless pockets are those in the tails of a frock coat. You can't carry anything in them that you can afford to sit on, and even a handkerchief there gives a hanging bustle effect.

"The desire for pockets has become by process of evolution a fixed sex trait. As soon as a boy gets on trousers with pockets he begins to swagger and assert his superiority, and feel that he is in business, sure enough. Watch a boy stick his hands in his trousers' pockets and spread his legs apart and argue a point of family difference, and you'll see his older and younger sisters, and very likely his mother, cower before him. I tell you it's all a matter of pockets.

"No pocketless people has ever been great since pockets were invented, and the female sex cannot rival us while it is pocketless. The boy who carries pieces of string, marbles, fishing worms, bits of crockery, sections of partially masticated chewing gum, and other things in his pockets soon becomes supreme in the household. He puts everything in his pockets but his money. That is in coin, and he carries that in his mouth, and usually swallows it."

With this final argument and deduction the Philosopher closed.

An eminent and successful pickpocket who was asked about pockets said:

"On the level, none of them are safe. What keeps us guessing is there being so many pockets and so many different habits of carrying long green in them. The left waistcoat pocket is the easiest mark; probably fifty men in every hundred use the right-hand pocket for their bills and the left for their watches. But so long as you keep your roll out of sight and your hands away from feeling it, a gent in my line of business is likely to let you alone. He doesn't like to go feeling around people blindfold."

"What about women in your business?"

The successful pickpocket looked disgusted.

"Say," he sneered, "when I was a kid I done a stretch for a latchkey and some samples done up in a fifty-dollar Rooshian leather case fat enough to be a little fortune. Since then I've stayed away. Women's pocketbooks is all bluff. When a woman has big bills she tucks 'em in her glove or down in the bosom of her dress, and you can't get at 'em."